

## CORREIO NO MUNDO

European Parliament, CC BY 2.0, WC



Von der Leyen assinará o acordo comercial com Mercosul

## Acordo com UE pode começar antes do aval do Parlamento

O acordo comercial entre a União Europeia e o Mercosul, aprovado pelos governos da UE na sexta (9), pode ser aplicado antes da aprovação pelo Parlamento Europeu, afirmou o porta-voz da Comissão Europeia, Olof Gill. “O tratado permite essa possibilidade”, disse Gill nesta segunda (12), acrescentando que a Comissão da UE está trabalhando duro para que o acordo seja aprovado pela maioria dos membros do Parlamento. Na sexta, cinco dos 27 países (França, Polônia, Hungria, Irlanda e Áustria) votaram contra, enquanto a Bélgica se absteve. A Itália, como esperado, se uniu à maioria favorável ao pacto. A expectativa é que o Parlamento Europeu se reúna em março para aprovar o texto apoiado pelos embaixadores dos integrantes do bloco europeu.

## Assinatura deve ocorrer no dia 17

O Parlamento chegou a validar o tratado em 16 de dezembro, mas ele foi alterado para a inclusão de cláusulas exigidas pela Itália para apoiar o acordo. Os integrantes da UE e do Mercosul esperam que o acordo seja assinado em 17 de janeiro, em Assunção, segundo apuração feita pela reportagem. O acordo entre Mercosul e UE tem potencial de elevar o PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro em 0,46% até 2040, o equivalente a US\$ 9,3 bilhões, segundo dados do Ipea.

Reuters/Folhapress



Franceses seguem protestando contra acordo do Mercosul

## Novas manifestações na França

O levantamento, feito no início de 2024, aponta que o Brasil teria um ganho relativo maior do que a União Europeia, que seria beneficiada com uma alta de 0,06% no PIB no mesmo período, e demais países do Mercosul (alta de 0,2%).

Nesta segunda, os agricultores da França voltaram a protestar contra o tratado. Eles pararam caminhões no maior porto de contêineres do país e na principal rodovia ao norte de Paris, realizando verificações simbólicas de alimentos importados em protesto contra o acordo comercial.

## Medo da “concorrência desleal”

Os manifestantes alegam que o acordo levará à concorrência desleal. “O objetivo principal é soar o alarme novamente e manter a pressão sobre o acordo do Mercosul”, afirmou Justin Lemaître, secretário-geral de uma seção local do sindicato. “É difícil aceitar uma concorrência tão desleal, com produtos que produzimos na Europa sendo importados do outro lado do mundo”, disse ele.

## Vistos negados

O Departamento de Estado dos Estados Unidos afirmou nesta segunda-feira (12) que revogou mais de 100 mil vistos desde que o presidente Donald Trump voltou à Casa Branca no ano passado, estabelecendo o que chamou de um novo recorde em meio a política agressiva de deportações.

## Revogações

A extensão das revogações reflete a ampla repressão do governo federal a imigrantes, que conta com batidas de agentes sem identificação em cidades por todo país e a deportação até mesmo de imigrantes com vistos válidos. A gestão Trump também adotou uma política mais rigorosa na concessão de vistos.

## Medidas severas

Dentre as medidas estão a verificação de redes sociais e triagem expandida dos candidatos. As quatro principais causas para revogações de vistos foram permanências além do prazo permitido, dirigir sob influência de álcool, agressão e roubo, disse o porta-voz do Departamento de Estado Tommy Pigott.

## Comunicado no X

“O Departamento de Estado já revogou mais de 100 mil vistos, incluindo cerca de 8 mil vistos de estudantes e 2.500 vistos especializados para indivíduos abordados por forças de segurança dos EUA por atividade criminosa. Continuaremos a deportar esses bandidos para manter a América segura”, disse o departamento no X.

## Verificação contínua

O Departamento de Estado também lançou um Centro de Verificação Contínua para assegurar que “todos os estrangeiros em solo americano cumpram nossas leis - e que os vistos daqueles que representam uma ameaça aos cidadãos americanos sejam rapidamente revogados”, afirmou Pigott.

## Aumento de 150%

As revogações marcaram um aumento de 150% em relação a 2024, segundo ele. Em novembro, o Departamento de Estado disse ter revogado cerca de 80 mil vistos de não imigrantes desde a posse de Trump, em 20 de janeiro de 2025, por infrações que vão desde dirigir sob influência de álcool até agressão e roubo.



Irã encara protestos em momento de caos político e social

## Repressão mata mais de 600 em protestos no Irã

Dados foram divulgados pela ONG Iran Human Rights

A ONG Iran Human Rights, com sede na Noruega, afirmou na segunda (12) que pelo menos 648 manifestantes morreram no Irã desde 28 de dezembro, quando começou a atual onda de manifestações contra o regime teocrático do país. “A comunidade internacional tem o dever de proteger os manifestantes civis frente às matanças cometidas pela República Islâmica”, declarou o diretor da entidade, Mahmood Amiry Moghaddam, ao informar o novo balanço de mortos levantado pela ONG. A organização afirmou ainda que, “segundo algumas estimativas, mais de 6.000 poderiam ter morrido”, mas que o apagão quase total da internet imposto pelas autoridades iranianas durante quatro dias torna “extremamente difícil verificar estes informes de forma independente”.

O número é maior do que o divulgado por outra ONG de direitos humanos, a Hrana, sediada nos Estados Unidos. No domingo, a entidade afirmou que as mortes já estão em 538. Desses, há 490 manifestantes e 48 membros de forças de segurança. O número de presos, ainda de acordo com a entidade, já supera 10 mil. Assim como a cifra da Iran Human Rights, não é possível confirmar de forma independente esses números, e o regime até agora não divulgou balanço oficial de vítimas.

Ondas de manifestações normalmente levam a repressão violenta no Irã. A última, em 2022, conhecida como “Mulher, Vida, Liberdade” começou quando Mah-

sa Amini morreu sob custódia do regime após ser detida na capital iraniana por deixar parte do cabelo à mostra sob o véu islâmico.

Os atos não resultaram em uma organização ou liderança consolidada. Mesmo assim, a repressão resultou em 551 mortes, de acordo com a ONG Human Rights Watch, 19.262 prisões, segundo a organização Hrana, e diversas execuções. Se as cifras das entidades estão corretas, a repressão aos atos dos últimos dias já é quase ou mais mortal do que a de 2022, que durou meses.

Segundo Clément Therme, pesquisador associado do Instituto Internacional de Estudos Iranianos, a atual onda de manifestações tem algumas características próprias.

“Este movimento é diferente porque sintetiza todos os movimentos anteriores: revoltas econômicas, revoltas pela igualdade de gênero, revoltas estudantis e revoltas das classes médias, que agora estão sendo desclassificadas”, afirma à agência de notícias AFP.

A desestabilização do regime, porém, ainda depende de fatores internos -ou seja, deserções dentro do Exército e fissuras no círculo mais próximo do líder supremo do Irã, o aiatolá Ali Khamenei. “É o abandono do aparato de segurança e a confraternização com os manifestantes” que poderia levar à queda da teocracia, segundo Therme.

“Até que ponto as forças de segurança continuarão a obedecer ordens e a disparar munição real contra as multidões?”, questiona.